

Produtividade e esquematicidade de conectivos de finalidade na história do português

Fábio de Lima Moreira¹
Gisele Cássia de Souza²

Resumo: Neste trabalho, analisamos, de um ponto de vista diacrônico, algumas formas de locuções conjuntivas introdutoras de orações adverbiais finais do português. Adotamos o modelo teórico da Gramática de Construções e, especificamente, a proposta para o estudo da mudança linguística nessa perspectiva (Traugott; Trousdale, 2021). Nosso objetivo é investigar como, ao longo da história do português, a produtividade das locuções conjuntivas analisadas contribuiu para a consolidação ou para o enfraquecimento do subesquema [prep (det) N de que] do português atual, licenciado pelo esquema construcional mais amplo [Xque], proposto por Cezario, Silva e Santos (2015). Investigamos textos dos séculos XIII a XX do português. Os resultados revelam aumento de produtividade e de esquematicidade do padrão construcional em relação a todas as locuções conjuntivas analisadas, porém em diferentes proporções e em diferentes momentos da história do português. Assim, concluímos que o subesquema emerge e se consolida diacronicamente em português, compondo-se, porém, de membros mais centrais e mais periféricos à categoria.

Palavras-chave: Mudança linguística. Mudança construcional. Conectivos adverbiais. Português diacrônico.

Productivity and Schematicity of Purpose Connectives in the History of Portuguese

Abstract: In this paper, from a diachronic point of view, we analyze some forms of conjunctive phrases that introduce final adverbial clauses in Portuguese. We adopt the theoretical model of Construction Grammar and, specifically, the proposal for the study of linguistic change from this perspective (Traugott; Trousdale, 2021). Our aim is to investigate how the productivity of the conjunctive phrases analyzed contributed to the consolidation or weakening of the subschema [prep (det) N de que] of modern Portuguese, licensed by the broader constructional scheme [Xque], proposed by Cezario, Silva and Santos (2015). We examined texts from the 13th to the 20th centuries in Portuguese. The results reveal an increase in both productivity and schematicity of the constructional pattern in relation to all the conjunctive phrases analyzed, but in different proportions and at different moments in the history of Portuguese. We conclude that the subschema emerges and consolidates diachronically in Portuguese, but it is composed of more central and more peripheral members.

Keywords: Linguistic change. Constructional change. Adverbial connectives. Diachronic Portuguese.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto - SP. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas - MS. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas - MS. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3313-9167>. E-mail: fl.moreira@unesp.br

² Professora na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto - SP. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Araraquara - SP. Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto - SP. Graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), São José do Rio Preto - SP. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2615-5126>. E-mail: gisele.cassia@unesp.br

Introdução

Vários estudos já se voltaram à descrição das orações adverbiais do português sob a perspectiva funcionalista da linguagem (Decat, 1993; 2001; Braga, 1999; Neves; Braga; Dall’Aglío-Hattner, 2008, entre muitos outros). Mais recentemente, essas orações também têm sido investigadas de uma perspectiva cognitivo-funcional, sob o enfoque de modelos teóricos *baseados no uso* (Bybee, 2016; Traugott; Trousdale; 2021).

Uma das vertentes teóricas que têm orientado esses trabalhos é a da Gramática de Construções (Croft, 2001; Goldberg, 1995; 2006; Traugott; Trousdale; 2021). Investigam-se, com base nesse paradigma, a forma e a função especialmente dos conectivos introdutores de orações adverbiais (Rosário, 2022; Rosário; Souza 2022; Rosário; Fernandes, 2021; Oliveira, 2014; 2019; 2020; Garcia, 2017), mas também da própria articulação entre as orações combinadas (Gonçalves; Oliveira, 2020). De modo geral, essas descrições se voltam a dados sincrônicos do português atual, falado ou escrito.

Investigações diacrônicas sobre os conectivos adverbiais do português, de um ponto de vista construcionista, são mais escassas. Podem-se citar Cezario, Silva e Santos (2015), sobre o desenvolvimento de um conjunto amplo de locuções conjuntivas adverbiais que instanciam o esquema geral [Xque]; Garcia (2021), sobre as mudanças linguísticas atestadas por conectivos formados pelos nomes *hora* (*na hora que*), *momento* (*no momento que*), *vez* (*uma vez que*) e *causa* (*por causa de/que*); e Silva (2024), a respeito de mudanças diacrônicas do conectivo *caso*.

Nosso trabalho se enquadra neste último grupo de pesquisas. Analisamos, especificamente, locuções conjuntivas introdutoras de orações adverbiais finais, em textos dos séculos XIII ao XX do português. As ocorrências abaixo são exemplos dos conectivos que são nosso objeto de estudo neste artigo:

- (1) a. Mas é ele quem ditará o processo. Temer está mostrando a determinação de dar prioridade para esse trabalho, ***a fim de que o Legislativo cumpra uma agenda voltada para as questões estruturais e sociais.*** (19Or:Br:Intrv:ISP)

- b. Passou a ser utilizado para re-alimentar a programação, mudando as datas, e reprogramar as requisições. Com o tempo, ***com a finalidade de que este sistema também servisse para casos em que a capacidade de produção fosse variável***, foi criado um módulo de planejamento da demanda da capacidade e ligado ao módulo original do MRP. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- c. Mas houve que decidir, e optou-se pelo menos cordial, porquanto ensina a experiência que nem sempre #190 #191 na franqueza a verdade reside, e que bem opostos ao que parecem não raro se declaram os que exibem o mais fagueiro dos propósitos. Assim como assim ficou em Moçambique o palrador, ***no fito de que entretivesse o ócio da mourama do mercado, e levou-se o que não alçava a voz excepto para responder às perguntas que lhe dirigiam***. (19:Fic:Pt:Cláudio:Barnabe)
- d. Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, ***com o intuito de que, para sempre, conservassem o carácter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera*** (18:Queirós:Correspondência)
- e. Encontro autárquico de Língua Portuguesa, que reunirá autarcas, governantes e deputados da comunidade de países de língua portuguesa. Será o primeiro passo para um intercâmbio de experiência ao nível autárquico, ***com o objectivo de que os contactos se venham a traduzir numa cooperação intermunicipal unida pelo factor comum da língua***. (19N:Pt:Jornal)

Adotamos a perspectiva teórica da Gramática de Construções e, especialmente, a abordagem para o estudo da mudança linguística nessa perspectiva, proposta por Traugott e Trousdale (2021). De acordo com essa abordagem, as unidades da língua são *construções*, isto é, pareamentos simbólicos de forma e função, e as mudanças linguísticas ocorrem por dois processos distintos, embora correlacionados: i) a construcionalização, por meio da qual novas construções são criadas no sistema linguístico; e ii) mudanças construcionais, que afetam uma parte da construção (forma ou função) e podem ocorrer antes ou depois da construcionalização. Em termos de constituição dos sistemas linguísticos, apenas a construcionalização representa

uma inovação, ao passo que a mudança construcional responde por alterações formais ou funcionais em construções que se moldam a padrões morfossintáticos pré-existentes.

São cruciais, nessa perspectiva, as mudanças observáveis em uma construção quanto à *produtividade, esquematicidade e composicionalidade*. A produtividade diz respeito tanto aos diferentes tipos de unidades linguísticas que um padrão construcional pode licenciar, quanto à frequência com que determinada forma é empregada no uso da língua. A esquematicidade se relaciona ao grau de abstração de uma construção. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre o significado total de uma construção e o significado de itens que a compõem.

Neste trabalho, ao analisar as locuções conjuntivas em diferentes períodos do português (séculos XIII a XX), investigamos duas dessas propriedades: a produtividade e a esquematicidade. Nosso objetivo é averiguar como esses dois fatores contribuíram, ao longo da história do português, para a emergência e a consolidação — ou o enfraquecimento — do esquema [prep (det) N de que] que, no português atual, sanciona as locuções conjuntivas em análise. Assumimos que o esquema [prep (det) N de que] é, na verdade, um subesquema construcional, licenciado por um esquema mais geral [Xque], proposto por Cezario, Silva e Santos (2015) para abarcar todas as locuções conjuntivas adverbiais do português, conforme demonstraremos ao longo do trabalho.

O texto está organizado em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, apresentamos os principais aspectos da abordagem construcional da mudança linguística, que constitui a fundamentação teórica deste estudo. Em seguida, tratamos das bases conceituais da finalidade e do modo como consideramos que deva ser entendido esse domínio semântico-cognitivo. Na terceira seção, encontram-se os resultados das análises que empreendemos e, na última, nossas considerações finais.

Abordagem construcional da mudança linguística

O modelo teórico que adotamos neste trabalho é o proposto por Traugott e Trousdale (2021). Ele fundamenta-se em vertentes da chamada “gramática de construções”, propostas de descrição linguística — especialmente em perspectiva sincrônica — que partem da concepção de que os elementos de uma língua são construções, isto é, unidades linguísticas simbólicas e

convencionais, constituídas por pareamentos de forma e significado (Langacker, 1987; Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001).

Conforme explicam Traugott e Trousdale (2021), “simbólicas” significa que, enquanto signos, as construções são associações arbitrárias de forma e significado, que são também convencionais em razão de serem compartilhadas pelos falantes de uma língua. A noção de “pareamento entre forma e significado” garante aos modelos de gramática de construções uma análise integrada — e não modular — das unidades linguísticas, ao contrário de modelos teóricos formais, como o gerativismo. Isso significa que propriedades formais (fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcionais (semânticas e pragmático-discursivas) são consideradas conjuntamente na análise das unidades linguísticas. A construção, assim concebida, pode ser representada do seguinte modo:

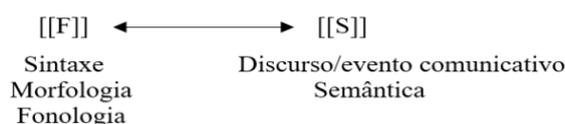


Figura 1: Representação de construção

Fonte: Traugott; Trousdale (2021, p. 36, adaptado)

No esquema, a seta dupla representa o elo entre propriedades formais (F) e propriedades funcionais de uma construção, essas últimas relativas a significado (S) amplamente concebido. Os colchetes indicam que o pareamento constitui uma unidade convencional. Propriedades formais são de natureza sintática, morfológica ou fonológica, ao passo que propriedades funcionais têm caráter semântico (como papéis temáticos, conceitualização de entidades, acontecimentos e experiências — agente, paciente, movimento, estado, localização, causa, direção, etc.) e discursivo, isto é, propriedades relativas a funções que operam diretamente sobre o evento comunicativo, como, por exemplo, mecanismos diversos de organização das informações (dado-novo, tópico-foco, conexão estabelecida por conjunções, etc.) (Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021).

Além do conceito de “construção”, central nas análises, os modelos de gramática de construções mais proeminentes compartilham a premissa de que o conhecimento linguístico dos falantes se estrutura em redes de construções interligadas, um tipo de organização mental de informações também relacionado a outras capacidades cognitivas, como a visão e habilidades musicais (Traugott; Trousdale, 2021, p. 103). Caracterizam essa organização em

rede: a relação de nós e elos entre construções; a estruturação em famílias de construções; o agrupamento de propriedades; além de graus de fixação e de acessibilidade de cada construção (op. cit., p. 38).

Alinhada a esses conceitos, a abordagem da mudança linguística em perspectiva construcional, proposta por Traugott e Trousdale (2021), apresenta-se como uma abordagem comunicativa e cognitiva da mudança, com base no pressuposto de que a gramática das línguas naturais é baseada no uso linguístico (Bybee, 2016; Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001). Assim, a abordagem é comunicativa porque, obviamente, a partir do momento em que considera forma e significado linguísticos como facetas indissociáveis de uma construção, não há como se desconsiderar a função (semântica, pragmática) que uma construção desempenha ao ser produzida por um falante que se dirige a um interlocutor em um contexto comunicativo específico. Além disso, é cognitiva porque se alia ao compromisso de elucidar o conhecimento linguístico do falante, adquirido a partir das infinitas situações comunicativas em que se engaja, com a finalidade de delas participar eficientemente.

A estruturação em rede das construções de uma língua tem a forma de uma hierarquia taxionômica, em que cada nó é uma construção. Para o estudo da mudança linguística em perspectiva construcional, Traugott e Trousdale (2021) propõem uma subdivisão do nó construcional em três níveis hierárquicos: esquema, subesquema e microconstrução. Esquemas e subesquemas categorizam generalizações abstraídas das construções, ao passo que as microconstruções representam exemplares das ocorrências empiricamente atestadas. Um exemplo dessa organização tridimensional das construções é a seguinte representação de locuções conjuntivas adverbiais do português, presente no estudo de Cezario, Silva e Santos (2015).

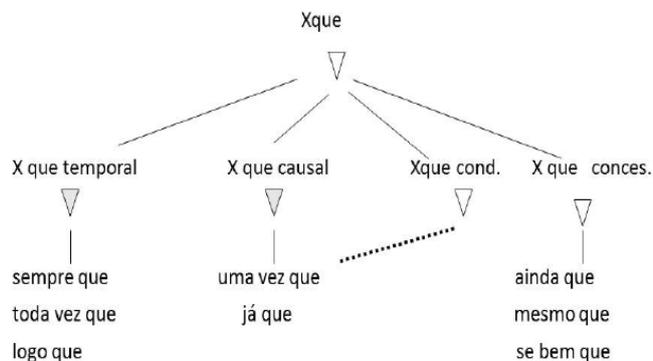


Figura 2: Rede de construções conectivas *Xque*
Fonte: Cezario; Silva; Santos (2015, p. 237-239).

No nível mais alto, o esquema [Xque] é uma generalização de todas as construções com função conectiva que assumem essa forma, sendo o *slot* X aberto a diferentes tipos de constituintes: sintagmas adverbiais (sempre que, logo que, etc.), sintagmas nominais (toda vez que, uma vez que, etc.), etc. No nível intermediário, o do subesquema, estão tipos mais específicos de construções que o esquema [Xque] é capaz de abarcar. No nível mais baixo, por fim, encontram-se os vários tipos de microconstruções que podem ser atestadas e que são sancionadas, no uso da língua, pelos subesquemas correspondentes, integrantes do esquema mais geral *Xque*.

Esquemas e subesquemas da rede de construções podem ser alvo de mudanças linguísticas, as quais, para Traugott e Trousdale (2021), podem ser de dois tipos: mudança construcional e construcionalização. A mudança construcional é definida pelos autores como “[...] uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 65). A construcionalização, por outro lado, resulta na criação de um novo signo, um novo nó na rede, formado por um pareamento $\text{forma}_{\text{nova}}$ significado $_{\text{novo}}$. Nas palavras dos autores:

Construcionalização é a criação de (combinações de) signos $\text{forma}_{\text{nova}}$ significado $_{\text{novo}}$. Elas formam novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de **esquematicidade**, **produtividade** e **composicionalidade**. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. [...] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 58, ênfase acrescentada)

A esquematicidade é entendida como abstrações que representam padrões de construções específicas. Nesse sentido, uma construção pode ser completamente esquemática, como a construção bitransitiva [S V OBJ₁ OBJ₂], ou parcialmente esquemática, como a construção [Xque] da rede mostrada anteriormente. Em outras palavras, uma construção pode ter todos os seus *slots* abertos ao preenchimento por diferentes itens, ou ter algum de seus elementos fixado e invariável, como *que* na construção [Xque].

A produtividade, no modelo de Traugott e Trousdale (2021), é concebida tanto em relação ao grau em que um esquema sanciona outras construções menos esquemáticas, isto é, sua aplicabilidade/extensibilidade a outras construções (frequência de tipo), quanto no tocante

à frequência com que uma construção é empregada no uso da língua (frequência de ocorrência) (Traugott, 2014, p. 6; Traugott; Trousdale, 2021, p. 50).

A composicionalidade, por sua vez, diz respeito a graus de transparência entre forma e significado de uma construção. Maior composicionalidade significa que cada item individual contribui com seu significado para a decodificação da construção, ou seja, há uma correspondência exata entre os significados das partes e o significado do todo construcional. Por outro lado, a não correspondência entre significados individuais dos itens e o todo da construção caracteriza menor transparência e, assim, menor composicionalidade. Um exemplo de menor composicionalidade são justamente as construções que analisamos neste estudo: para que as sequências “com o objetivo de que”, “com o intuito de que”, por exemplo, sejam compreendidas como um conectivo que indica finalidade, como nas ocorrências mostradas em (1a-e), o significado deve ser apreendido globalmente, e não por meio da soma dos itens individuais que integram a construção.

A construcionalização, de acordo com essa abordagem, envolve tanto expansão quanto redução de propriedades de uma forma. A expansão se liga à esquematicidade e à produtividade, que se elevam e se acentuam no processo de construcionalização. A redução, por outro lado, relaciona-se à composicionalidade, que diminui com a construcionalização de uma forma (Traugott, 2014, p. 6).

Assim como novos *esquemas* podem surgir, representando novas construções que se originam por processos de construcionalização, os *subesquemas*, que são instâncias do esquema mais geral, podem se desenvolver ao longo do tempo, como podem também desaparecer do sistema linguístico. O surgimento, fortalecimento e perda de um subesquema, em geral, ocorrem por meio de mudanças construcionais, envolvendo subconjuntos de construções no interior de um nó mais esquemático da rede (Traugott; Trousdale, 2021, p. 45).

A partir da rede de construções representativa de locuções conjuntivas adverbiais do português proposta por Cezario, Silva e Santos (2015), nosso objeto de análise neste texto é um dos subesquemas que instanciam o esquema *Xque*, particularmente, o subesquema [X que finalidade], não representado pelos autores. Entendemos que esse subesquema instancia dois grupos de microconstruções conectivas de finalidade, conforme representamos a seguir.

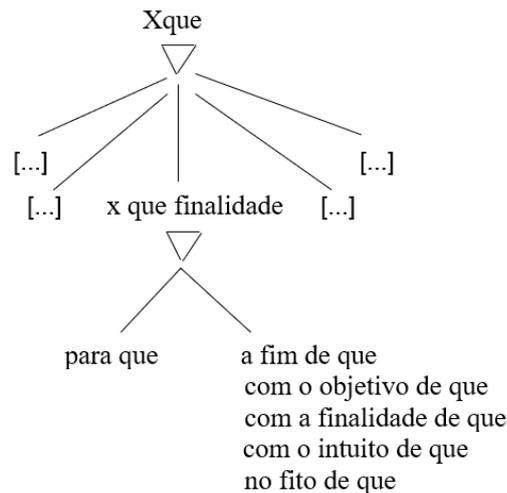


Figura 3: Rede de construções *Xque* conectivas finais

Fonte: Elaboração própria.

A microconstrução à esquerda do subesquema é formada por [prep. *que*], representada por *para que*, em português. Já as microconstruções à direita, que são objeto de nossas análises neste texto, formam-se de [preposição (determinante) Nome *de que*]. A partir da análise da produtividade e esquematicidade dessas formas, em textos de diferentes períodos do português, nosso propósito é demonstrar como as microconstruções em estudo se organizam enquanto membros centrais ou periféricos no interior do subesquema e de que modo concorrem para fortalecer ou enfraquecer o subesquema [Xque finalidade].

Antes das análises, porém, discutiremos, na seção seguinte, a conceitualização semântico-cognitiva da finalidade, demonstrando como esse conceito pode ser compreendido na relação que ele mantém com significados que lhe são adjacentes e que, por vezes, se sobrepõem à expressão de finalidade nas construções — conforme apontado na literatura sobre o tema (Schmidtke-Bode, 2009; Antonio, 2011; Oréfica, 2014; Marchon, 2021; 2024).

Bases conceituais da finalidade

Na literatura corrente, é comum encontrarmos definições de construções de finalidade a partir do exame de um tipo mais prototípico: as construções complexas articuladas por *para* (cf. 2). Contudo, para uma explicação construcionalista das construções e conectivos de finalidade, como a que pretendemos apresentar neste trabalho, é necessário considerar que a

finalidade corresponde a uma categoria conceitual bastante ampla, que abriga uma diversidade de construções.

(2) Mas a tia não é ruim de todo .

Pegou a roupa da Cândida pra lavá, sem cobrá tostão.

E vai lavá até a Cândida ficá boa (20PTR-TYBH)

O exemplo em (2) representa o tipo mais básico de construção de finalidade, codificada pelo padrão *P para Q*, (DIAS, 2001; NEVES, 2018; MOREIRA, 2022). Dentre as diversas características formais e funcionais presentes em (2), destacam-se duas: (i) oração circunstancial não-finita introduzida por *para* e (ii) relação de dependência semântica entre dois eventos, de modo que um expressa a finalidade de outro (Mateus *et al*, 2003, p. 715; Neves, 2018, p. 1002).

Embora essas propriedades representem grande parte das construções de finalidade, elas não dão conta da complexidade da categoria. Fato é que a finalidade corresponde a uma categoria conceitual muito ampla, que serve de abrigo a uma infinidade de tipos de construções que ora se aproximam do centro prototípico, ora se distanciam. Em outras palavras, reduzir as construções de finalidade ao padrão mais geral *P para Q* não nos permite descrever certas particularidades de construções menos prototípicas, nem compreender o modo como a finalidade se relaciona a outras categorias linguísticas.

Uma visão mais abrangente de finalidade é a de Schmidtke-Bode (2009, p. 19), que, em perspectiva cognitivo-funcional, propõe uma organização da finalidade em termos de categoria conceitual (cf. figura (4)). Na proposta do autor, as construções de finalidade emergem da combinação de diferentes bases conceituais, a saber: *direcionamento ao alvo (movimento)*, *intencionalidade*, *resultado hipotético* e *orientação para o futuro*. A partir dos diferentes modos de combinação dessas bases conceituais surgem diferentes tipos de construções.

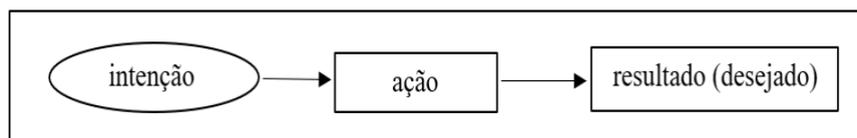


Figura 4 – Organização conceitual da finalidade

Fonte: Schmidtke-Bode (2009, p. 19, adaptado).

O significado de finalidade, como ilustrado na figura acima, inicia-se a partir de uma intenção que gera uma ação, visando alcançar um resultado desejado. Nessa visão, estão subentendidas as noções de movimento de um ponto A (a intenção) em direção a um ponto B (o resultado desejado), e de futuridade envolvida nesse movimento.

Adotar uma concepção de finalidade como categoria conceitual se mostra relevante não apenas para discutir as semelhanças entre as construções de finalidade, mas, principalmente, as diferenças entre elas. Estudos sobre finalidade em português vêm demonstrando que o valor final pode emergir de modos distintos em diferentes construções (Antonio, 2011; Oréface, 2014; Marchon, 2021; 2024). Enquanto o significado final, em algumas construções, está mais convencionalizado, em outras, ele é quase inferencial e dependente de informações contextuais. Os diferentes significados destacados por Schmidtke-Bode (2009) contribuem de modos distintos para emergência do valor final.

1) Direcionamento ao alvo: a finalidade pode ser conceitualizada a partir da metáfora *finalidades são destinos* (Lakoff, 1992, p. 14), uma vez que marcam o movimento de uma origem em direção a um objeto de finalidade, codificando, assim, o esquema cognitivo *origem-trajetória-meta* (Dias, 2001, p. 25). As construções de movimento-com-propósito são bons exemplos para demonstrar como a finalidade pode emergir de construções que marcam certo direcionamento ou movimento. Nesse tipo de construção, um verbo de movimento é justaposto a um outro verbo, que indica um evento a ser alcançado (cf. 3) (Oréface, 2014, p. 11).

- (3) Sobre Mim – sou uma pessoa muito tímida procura uma pessoa para relacionamento sério. Dispensio curiosas. Sou um pouco caseiro mais as vezes **saio ver** um filme, **passear** no shopping, gosto de varios tipos de musicas sertanejas, pop, rok varias (Oréface, 2014, p. 11)

No exemplo acima, um referente-sujeito (*eu*) *sai* de um ponto A em direção a ponto B no espaço, com a intenção de *ver um filme e passear no shopping*, isto é, o verbo *sair* marca movimento proposital. Podemos observar que a combinação entre os eventos (*sair, ver um filme e passear no shopping*) não é realizada por meio de um conectivo, mas pela justaposição dos verbos.

2) Intencionalidade: a finalidade, em muitos casos, envolve a ação de um sujeito que age intencionalmente para alcançar uma meta, um objetivo. Estudos tipológicos, como de Cristofaro (2003) e Schmidtke-Bode (2009), mostram que há estreita relação entre estruturas

de finalidade e significados desiderativos. Nesse mesmo direcionamento, Neves (2018) e Marchon (2021; 2024) apontam a intencionalidade como propriedade fundamental para o entendimento da finalidade, uma vez que a ação intencional corresponde ao ponto de partida para realização de um evento final. Conforme destaca Azeredo (2012), as construções de finalidade se assentam numa base causal (*causa-efeito*), indicando um efeito desejado, intencional. Embora a intencionalidade se manifeste em diferentes construções de finalidade, um tipo de construção em que essa propriedade se manifesta de modo interessante é o das construções gerundivas, como exemplificado em (4).

- (4) E mais: muitos trabalhos científicos clínicos foram feitos no mundo ***demonstrando claramente que a maconha tem boas propriedades terapêuticas*** (dores neuro e miopáticas; esclerose múltipla; náusea e vômito resultantes da quimioterapia do câncer; e mais recentemente epilepsia e dores terminais do câncer). (Marchon, 2021, p. 411-412)

Segundo Marchon (2021, p. 412), a oração gerundiva *demonstrando claramente que a maconha tem boas propriedades terapêuticas* pode apresentar dois tipos de interpretações: (i) a consequência da realização de trabalhos científicos ou (ii) a finalidade da realização de trabalhos científicos. Essas duas interpretações são possíveis devido à estreita relação entre consequência e finalidade, visto que ambos os domínios semânticos correspondem ao efeito numa relação de causalidade (Azeredo, 2012; Neves, 2018). A diferença entre finalidade e consequência reside no fato de que, na finalidade — ao contrário da consequência — efeito é desejado. Embora a leitura final em (4) seja inferencial e dependente de informações contextuais, ela ainda é possível; e é justamente o provável valor intencional da construção que permite a interpretação de finalidade.

3) Resultado hipotético: como discutimos anteriormente, a finalidade sempre indica uma meta pretendida ou desejada, mas não necessariamente alcançada. Conforme Souza (2019), as construções de finalidade descrevem uma realidade potencial, que pode ou não vir a se realizar no mundo. A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que a finalidade envolve algum grau de hipoteticidade. Esse grau fica muito evidente ao examinar uma oração de finalidade desenvolvida, como em (5).

- (5) Pode-se, por consequência, ficar admirado de que estas leis universalmente conhecidas sobre a terra tenham sido promulgadas em meio de tantos milagres, de

o alto de a montanha de o Sinai, por JEHOVAH Mesmo. "... "... Mas escuta: elas foram promulgadas em meio a tantos milagres *a fim de que se soubesse que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas*, e que transgredir- las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus (Moreira, 2022, p. 97)

No dado em (5), a leitura altamente hipotética da oração de finalidade é atestada pelo uso do modo subjuntivo, modo *irrealis*. Apesar de o evento da oração principal (*a promulgação das leis universais em meio a tantos milagres*) descrever uma situação real, o evento da oração de finalidade (*soubesse que elas eram Leis Divinas*) não é necessariamente real, isto é, o sujeito da oração de finalidade pode ou não saber que, para além de leis civis e morais, elas são leis divinas.

4) Orientação para o futuro: trabalhos sobre orações de finalidade (Mateus *et al.*, 2003; Cristofaro, 2003; Schmidtke-Bode, 2009; Souza, 2019; Moreira, 2022) são categóricos ao afirmar que a prospecção temporal é uma propriedade inerente a essas estruturas. Mateus *et al.* (2003, p. 716) afirmam que, para que um evento final seja realizado, ele necessariamente precisa ocorrer em um intervalo temporal posterior ao evento principal a que se combina. Nesse contexto, Souza (2019), com base na semântica cognitiva, defende que orações de finalidade correspondem a *frames* que designam eventos futuros e potenciais. A orientação para o futuro não parece ser uma propriedade exclusiva das orações circunstanciais de finalidade, mas de todas as construções que podem, de certa forma, marcar noções de finalidade, como observamos nos exemplos abaixo, já mostrados anteriormente.

- (6) a. Sobre Mim – sou uma pessoa muito tímida procura uma pessoa para relacionamento sério. Dispensio curiosas. Sou um pouco caseiro mais as vezes *saio ver* um filme, *passar* no shopping, gosto de varios tipos de músicas sertanejas, pop, rock, várias. (Oréface, 2014, p. 11)
- b. E mais: muitos trabalhos científicos clínicos foram feitos no mundo *demonstrando claramente que a maconha tem boas propriedades terapêuticas* (dores neuro e miopáticas; esclerose múltipla; náusea e vômito resultantes da quimioterapia do câncer; e mais recentemente epilepsia e dores terminais do câncer). (Marchon, 2021, p. 411-412)
- c. Pode- se, por consequência, ficar admirado de que estas leis universalmente conhecidas sobre a terra tenham sido promulgadas em meio de tantos milagres, de o alto de a montanha de o Sinai, por JEHOVAH Mesmo. "... "... Mas escuta: elas foram promulgadas em meio a tantos milagres *a fim de que se soubesse*

que elas eram não somente leis civis e morais, mas também Leis Divinas, e que transgredir- las não era somente agir mal para com o próximo, mas ainda pecar contra Deus. (Moreira, 2022, p. 97)

O que podemos observar nos exemplos em (6a-c) é que todas as construções de finalidade destacadas se constroem a partir de uma relação temporal prospectiva em relação ao evento a que se combinam.

A partir dessa discussão, chegamos ao entendimento mais geral de que as bases conceituais da finalidade, com exceção *da orientação para o futuro*, são acionadas de formas diferentes, a depender do tipo de construção de finalidade e da ocorrência em particular.

Desse modo, propomos uma reformulação da representação conceitual da finalidade de Schmidtke-Bode (2009, p. 19), tomando a orientação para o futuro como base conceitual central.



Figura 5 – Organização conceitual da finalidade

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a figura (5), entendemos a finalidade como categoria conceitual ampla, que abriga diferentes significados: *direcionamento ao alvo*, *intencionalidade*, *orientação para o futuro* e *resultado hipotético*. Dentre todos esses significados, a orientação para o futuro é o mais central, presente em todas as construções de finalidade. Os outros significados podem se tornar mais ou menos centrais, a depender da construção de finalidade em particular. Nas construções de movimento-com-propósito, por exemplo, o traço de direcionamento ao alvo é cognitivamente o mais saliente, enquanto os demais significados são obscurecidos.

Defendemos, por fim, que o tratamento da finalidade em termos de bases conceituais pode ser aplicado também aos conectivos de finalidade. Estudos históricos já demonstraram a natureza derivada de marcadores de finalidade. Um exemplo é o trabalho de Schmidtke-Bode (2010, p. 132), que, de uma perspectiva translinguística, demonstrou que certas construções ligadas a domínios semânticos como *movimento*, *transferência*, *desejo*, *beneficiário* podem servir de base à emergência de marcadores de finalidade.

Na seção seguinte deste texto, em que apresentamos a análises dos dados deste estudo, apenas indicaremos que os conceitos de intencionalidade e hipoteticidade estão intimamente relacionados às formas conjuntivas que analisamos: *a fim de que*, *com o objetivo de que*, *com o intuito de que*, *com a finalidade de que*, *com o fito de que*. Não relacionaremos esses conceitos à emergência de cada conectivo em português, porque entendemos que isso requereria uma análise semântica individual de cada microconstrução. Aqui, nos propomos a analisar um conjunto de microconstruções, sob os parâmetros da produtividade e esquematicidade, conforme já mencionamos anteriormente.

Produtividade e esquematicidade dos conectivos de finalidade na história do português

Os dados que compõem o universo de análise deste trabalho foram extraídos de duas amostras diacrônicas. A primeira, composta por nós, consiste em textos extraídos de diferentes *corpora* diacrônicos³. Para a seleção dos textos, seguimos quatro diretrizes básicas: (i) temporal: textos referentes aos séculos XIII ao XX; (ii) textual: textos de diferentes gêneros; (iii) regional: textos do português europeu e brasileiro; e, por fim, (iv) quantitativa: número de palavras equilibrado para cada século (aproximadamente 150 mil palavras por século). Essas diretrizes nos permitiram compor uma amostra equilibrada, que confere segurança a nossas análises.

Em razão da baixa ocorrência dos conectivos de finalidade sancionados pelo subesquema [prep (det) N de que] na primeira amostra, buscamos dados em uma segunda amostra diacrônica. Optamos por recolher o material de análise no *Corpus* do Português, na modalidade Gênero/Histórico (Davies; Ferreira, 2006). Trata-se de um banco de dados *online*⁴

³ Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), Corpus Diacrônico do Português (CDP), Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese (TYBH).

⁴ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>.

formado de aproximadamente 45 milhões de palavras, extraídas de textos de diferentes gêneros nas variedades brasileira e europeia do português. Apesar de ser um *corpus* muito mais robusto, encontramos poucas ocorrências de conectivos com os nomes circunstanciais finais (doravante, NCF) *finalidade*, *fito*, *intuito* e *objetivo*. Esse fato, a nosso ver, pode ser explicado pela incipiência do processo de mudança desses conectivos.

Como mencionamos anteriormente, dois processos de mudança são distinguidos no modelo de Traugott e Trousdale (2021, p. 25-26): (i) mudança construcional, que altera a forma ou a função de uma construção; e (ii) construcionalização, que cria um novo nó na rede de construções. Conforme apontam os autores, os processos de mudança são acompanhados de mudanças graduais de composicionalidade, esquematicidade e produtividade das formas.

Nosso objetivo central é, então, descrever o percurso diacrônico das microconstruções *a fim de que*, *com o intuito de que*, *com a finalidade de que*, *com o objetivo de que* e *com o/no fito de que*, todas sancionadas pelo subesquema [prep (det) N de que]. O subesquema em questão é formado por [preposição *a*, *com*, *em*] + [(determinante *a*, *o*)⁵] + [nome circunstancial final *fim*, *finalidade*, *fito*, *intuito*, *objetivo*] + [preposição *de*] + [complementizador *que*]. Os dados diacrônicos nos mostram que, ao longo de sua evolução na língua, o subesquema [prep (det) N de que] passou por mudanças que levaram ao aumento de produtividade e de esquematicidade, e diminuição em sua composicionalidade. Neste trabalho, interessa-nos, especialmente, as propriedades de produtividade e de esquematicidade das construções.

Embora não seja nosso objetivo central mostrar como se deu o surgimento das microconstruções aqui analisadas — isto é, o processo que levou à neoanálise de NCF a conectivo — julgamos ser importante fazer alguma menção a esse processo. Trabalhos anteriores, em perspectiva construcional, já demonstraram que conectivos circunstanciais emergem na língua por meio de construcionalização gramatical (Cezario; Silva; Santos, 2015; Oliveira, 2019; 2023; Tragoutt; Trousdale, 2021; Garcia, 2021; Silva, 2024).

Além desses trabalhos, pesquisas sobre conectivos de base nominal (Longhin, 2020; Garcia, 2021; Silva, 2024) nos permitem hipotetizar sobre as trajetórias de mudanças dos conectivos de finalidade nucleados por algum NCF. Esses trabalhos apontam algumas tendências bastante produtivas no percurso histórico de nome a conectivos, como, por exemplo,

⁵ O parêntese indica que o *slot* não é preenchido em todas as microconstruções.

a redução de formas altamente complexas — como *no caso de que* conector condicional e *na hora em que* conector temporal — para formas mais reduzidas, *caso* e *hora que*.

Esse fato pode ser um indicativo de que conectivos de base nominal se originam de *chunks*, que, ao longo do tempo, perdem material fonológico. Essa perda de material é, em muitos casos, reflexos do aumento de frequência dos conectivos. Bybee (2016), ao estudar os processos cognitivos que dão base ao funcionamento da gramática, argumenta que a frequência de uso impacta na representação mental das construções. Um exemplo é o processo de *chunking*, responsável por fazer com que formas que são constantemente usadas juntas sejam armazenadas como uma única estrutura, embora complexa. A convencionalização de um *chunk* pode levar à sua redução fonológica, uma vez que as fronteiras morfossintáticas entre os elementos que o constituem podem se perder gradativamente.

O conceito de *chunking*, portanto, é fundamental para entendermos a emergência dos conectivos aqui estudados. Nomes como *fim*, *finalidade*, *fito*, *intuito* e *objetivo* frequentemente são usados em sintagmas preposicionais complexos (cf. 7), o que nos parece ser um cenário ideal para o amálgama das formas. Esse contexto sintagmático pode ter contribuído para a emergência dos conectivos de finalidade de base nominal em português⁶.

- (7) a. Contratou um verdadeiro técnico, mandado vir de Pernambuco, e este poda os exemplares, conforme sejam **para tal ou qual fim**. (20JBH-TYBH)
- b. A Comissão de Comércio do Mercosul decidirá sobre a questão em sua primeira reunião ordinária posterior ao recebimento do parecer conjunto ou, na sua ausência, as conclusões dos especialistas, podendo também ser convocada uma reunião extraordinária **com essa finalidade**. (19Ac:Br:Enc)
- c. Dusá foi bater água de sal nos pés que lhe ardiam, como se estivessem escaldados. XVII Enquanto o velho garimpeiro se provê do necessário à exploração da Perigosa, como à gruta nova lhe aprouve denominar, Dusá medita e faz executar singelo plano de reconciliação entre o mineiro e Maria Alves, tornando assim possível a realização da felicidade de sua Santa. **Com tal intuito escreveu a seguinte carta**: " Passagem, 3 de abril de 1862. " Senhor Ricardo Brandão - Tendo eu sido causa involuntária de ódio seu à moça a quem vosmecê, parecia amar, correspondendo assim à constância que a trouxe de longe à sua procura, apresso-me a dizer que ela, D. Mariazinha, está morando

⁶ Embora estudos anteriores nos forneçam muitas pistas sobre a neanálise de NCF a conectivo de finalidade, esse processo ainda precisa ser mais bem investigado. Com a continuidade da pesquisa, nos voltaremos ao detalhamento da emergência e desenvolvimento do padrão construcional de cada um dos conectivos analisados.

na mesma rua, onde morava, em Xique-Xique. Sem outro motivo, assino, sua respeitadora.

Nos nossos dados, o surgimento das cinco microconstruções atualizadas pelo subesquema [prep (det) N de que] se dão em momentos diferentes na história do português, como mostramos na tabela (1). Além disso, a frequência de uso de cada uma delas também apresenta diferenças, o que indica estágios diferentes de mudança linguística.

Tabela 1 – Frequência dos conectivos em textos dos diferentes séculos

Séculos	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Conectivos								
<i>a fim de que</i>	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	26 (100%)	10 (100%)	118 (99%)	139 (100%)
<i>com o/no intuito de que</i>	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1%)	3 (2%)
<i>com a finalidade de que</i>	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1%)
<i>com o objetivo de que</i>	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (2%)
<i>no fito de que</i>	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (1%)
Total	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	26 (110%)	10 (100%)	119 (100%)	147 (100%)

A trajetória de consolidação do subesquema [prep (det) N de que] na rede de conectivos de finalidade se iniciou no século XVII, com as primeiras ocorrências da microconstrução *a fim de que* no registro textual (cf. 8). Nesse período, *a fim de que* era usado em contextos formais de uso da língua, introduzindo sempre uma oração de finalidade posposta. As restrições de uso impostas à microconstrução *a fim de que* é um forte indicativo da incipiência do processo de mudança, pois, como sugere Kortmann (1997, p. 72), conectivos adverbiais convencionalizados não apresentam restrições em seus contextos de uso.

- (8) a. Desta sorte persuadido Dom Manoel, nomeou algúas pessoas de mayor experiencia para guarda da Capitana; *a fim de que em boa ordem dispuzessem a embarcação da gente dela.* (17FMP-CDP)

No exemplo (8), *a fim de que* sinaliza que o evento *em boa ordem dispusessem a embarcação da gente* deve ser interpretado como o objetivo a ser alcançado a partir do evento anterior (*nomeou algumas pessoas de maior experiência para guarda da Capitania*).

O fato de a única microconstrução sancionada por [prep (det) N de que] não apresentar características de uma construção totalmente convencionalizada nos revela que o subesquema também não se encontra totalmente consolidado na língua. Nessa sincronia, então, [prep (det) N de que] representa um subesquema ainda débil na rede de conectivos de finalidade. Ele apresenta baixa produtividade de tipo, pois atualiza apenas uma microconstrução, e baixa esquematicidade, já que seus *slots* são preenchidos, necessariamente, por *a + fim + de + que*.

No século XVIII, o subesquema [prep (det) N de que] continua se mostrando pouco produtivo e pouco esquemático, uma vez que *a fim de que* ainda é a única microconstrução sancionada por esse subesquema. Entretanto, um dado interessante evidenciado pela tabela (1) diz respeito à frequência de ocorrência da microconstrução: na passagem do século XVII para XVIII, as ocorrências de *a fim de que* diminuíram. Esse resultado reforça nossa interpretação de que *a fim de que*, assim como o subesquema [prep (det) N de que] ainda não estariam consolidados na rede construcional. Segundo Traugott e Trousdale (2021, p. 124), no processo de mudança, as construções podem emergir à margem da categoria a que pertencem, representando um nó mais fraco nessa rede. Com o passar do tempo, esses nós mais fracos podem ser fortalecidos, aproximando-se de membros mais centrais da categoria, ou ser enfraquecidos, ao ponto de desaparecerem na rede.

A partir daí, dois caminhos se tornam possíveis: (i) um gradual fortalecimento do subesquema, levando à sua consolidação na língua; ou (ii) um gradual enfraquecimento do subesquema, levando ao seu desaparecimento. Nossos dados apontam para o primeiro caminho: o de fortalecimento do subesquema.

No século XIX, importantes mudanças se processaram no subesquema [prep (det) N de que], indicando um aumento de produtividade e de esquematicidade. A microconstrução *a fim de que* apresentou um aumento de frequência acentuado em relação às sincronias anteriores, o que interpretamos como consolidação desse tipo de microconstrução — e, conseqüentemente, fortalecimento do subesquema a que ele se liga.

Alinhado ao fortalecimento do subesquema [prep (det) N de que], está o surgimento de uma nova microconstrução de finalidade na rede: o conectivo *com o intuito de que* (cf. 9). Em comparação à microconstrução *a fim de que*, o conectivo *com o intuito de que* não parece estar

totalmente convencionalizado, já que apresenta uma frequência de uso muito baixa. Isso indica que esse conectivo ainda é um membro marginal dentro do subesquema.

- (9) Os papéis de Carlos Fradique (dizia em suma) tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, ***com o intuito de que, para sempre, conservassem o carácter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera***

O fato de *com o intuito de que* participar da rede de conectivos de finalidade evidencia que, no século XIX, o subesquema [prep (det) N de que] passou a atrair, via analogização⁷, novas construções. No que diz respeito à produtividade, o subesquema apresentou uma maior frequência de tipo e frequência de ocorrência, o que pode nos revelar também o seu fortalecimento na rede. Além disso, o subesquema manifesta um aumento no que tange a sua esquematicidade: da junção de *a + fim + de + que* o subesquema passou a ser composto por *prep a, com + (det) o + NCF fim, intuito + de + que*.

O século XX é um período marcado pela real expansão do subesquema [prep (det) N de que] na rede construcional. A similaridade semântica entre os nomes *finalidade, fito e objetivo* e os nomes que ocupavam o *slot* de N no subesquema pode ser a chave para a emergência das novas construções *com o objetivo de que, com a finalidade de que e com o/no fito de que* (cf. 10).

- (10) a. O Presidente da República, que já contactou informalmente o PSD no sentido de o conquistar para a iniciativa da revisão extraordinária, irá no regresso do Brasil fazer novas diligências, ***com o objectivo de que a norma possa ser rapidamente inscrita na Constituição.*** (19N:Pt:Expr)
- b. Com o tempo, ***com a finalidade de que este sistema também servisse para casos em que a capacidade de produção fosse variável,*** foi criado um módulo de planeamento da demanda da capacidade e ligado ao modulo original do MRP. (19Ac:Br:Lac:Thes)
- c. Assim como assim ficou em Moçambique o palrador, ***no fito de que entretivesse o ócio da mourama do mercado, e levou-se o que não alçava a voz excepto para responder às perguntas que lhe dirigiam.*** (19:Fic:Pt:Cláudio:Barnabe)

⁷ Segundo Bybee (2016), analogização se refere a um processo cognitivo de domínio geral, segundo o qual novas construções surgem na rede com base em construções já existentes. Traugott e Trousdale (2021) também apontam o importante papel que tem esse processo na mudança construcional.

Como indicam os dados da tabela (1), o subesquema [prep (det) N de que] apresentou um aumento de produtividade, visto que mais construções passaram a ser por ele sancionadas e as já existentes em sincronias pretéritas registraram um crescimento no número de ocorrências. Somado a isso, o subesquema se mostrou mais esquemático nesse século, abrigando novos elementos em seus *slots*, como a preposição *em*, o determinante *a* e os nomes *finalidade*, *fito* e *objetivo*.

Esses resultados corroboram a proposta de Traugott e Trousdale (2021), segundo a qual os processos de mudança levam a constantes alterações de produtividade e de esquematicidade. No que diz respeito à produtividade, o subesquema [prep (det) N de que] apresentou aumentos na frequência tanto de tipo quanto de ocorrência. No tocante à esquematicidade, o surgimento de novas microconstruções levou a um gradual aumento dessa propriedade do subesquema. No entanto, precisamos fazer uma ressalva sobre a esquematicidade: embora os três primeiros *slots* do subesquema ([prep (det) N]) foram apresentando, no decorrer dos séculos, uma maior abstração, os dois últimos ([de que]), não se alteram. Esse fato é um indicativo de que o subesquema [prep (det) N de que] é parcialmente preenchido, ou seja, apresenta um grau de esquematicidade intermediário.

Partindo do princípio construcional de que o conhecimento do falante pode ser organizado em redes conceituais, propomos, a seguir, a representação em rede dos conectivos de finalidade conforme a figura (6), baseada na representação de Cezario, Silva e Santos (2015, p. 237-239). Embora assumamos que a rede de conectivos adverbiais seja muito mais complexa, por questão de espaço, optamos por representar apenas as construções analisadas. O retângulo contendo as reticências simboliza as construções não representadas.

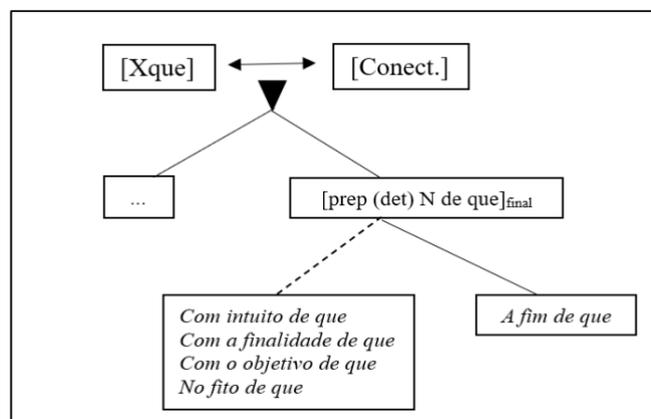


Figura 6 – Organização em rede dos conectivos de finalidade sancionados por [Xque] em português

Fonte: Elaboração própria.

Com base no desenvolvimento diacrônico do subesquema [prep (det) N de que], defendemos que as microconstruções *com o intuito de que*, *com a finalidade de que*, *com o objetivo de que* e *no fito de que* são membros periféricos dentro da categoria, e, por isso, correspondem a elos mais fracos (representados pela linha tracejada) na rede. A microconstrução *a fim de que*, por outro lado, nos parece estar mais convencionalizada na língua, representando, desse modo, um elo mais forte (representado pela linha contínua).

Além disso, uma discussão que nos parece pertinente é a relação que podemos estabelecer entre os conectivos aqui investigados e as bases conceituais da finalidade. Como discutimos na seção anterior, o valor de finalidade pode emergir da combinação de diferentes significados, que podem ou não estar salientados a depender a construção em particular. Para o tratamento das microconstruções licenciadas por [prep (det) N de que], duas bases conceituais se mostram relevantes: intencionalidade e resultado hipotético. Fato é que nomes como *fim*, *finalidade*, *fito*, *intuito* e *objetivo* carregam valores semânticos intencionais e desiderativos — traço que, muito provavelmente, viabilizou o início das mudanças observadas.

No tocante ao resultado hipotético, os conectivos sancionados por [prep (det) N de que], por introduzirem orações no modo subjuntivo, indicam evento com um grau elevado de hipoteticidade. Tanto intencionalidade quanto hipoteticidade estão ligadas às noções de futuridade: (i) eventos desejados são eventos futuros, pois não há como desejarmos que se realize um evento já realizado; (ii) eventos hipotéticos são eventos que podem ou não ocorrer no futuro.

Tendo isso em vista, é possível que o conceito *direcionamento ao alvo* esteja ligado mais diretamente ao surgimento das microconstruções conectivas finais *para* e *para que*, a partir de mecanismos de metáfora conceitual envolvendo *frames* de trajetória espacial. Essa é uma correlação que, entretanto, foge ao escopo deste trabalho, mas que merece ser investigada posteriormente.

Essas interpretações fortalecem nossa concepção de finalidade e mostram que certas bases conceituais são, a depender da construção, salientadas. Essa é ainda uma análise inicial da semântica desses conectivos. Análises mais aprofundadas precisam ser feitas para determinar de que modo as diferentes bases conceituais da finalidade se relacionam às mudanças dos diferentes conectivos aqui investigados.

Considerações finais

Sob uma perspectiva construcional da mudança linguística, nosso objetivo neste trabalho foi analisar, de um ponto de vista diacrônico, a produtividade e esquematicidade de um conjunto de microconstruções conectivas introdutoras de orações adverbiais finais: *a fim de que*, *com o intuito de que*, *com a finalidade de que*, *com o objetivo de que* e *no fito de que*. Conforme consideramos, todas elas são licenciadas pelo subesquema [prep (det) N de que]_{finalidade}, que, por sua vez, é parte do esquema construcional mais amplo [Xque], proposto por Cezario, Silva e Santos (2015). As ocorrências analisadas foram extraídas de textos representativos do português do século XIII a XX.

Os resultados mostram que os conectivos investigados surgem a partir do século XVII e, desse período até o século XX, aumentam em produtividade, mas em diferentes proporções. A microconstrução *a fim de que* é a primeira a aparecer nos registros textuais e é também a que experimenta uma elevação mais acentuada em termos de frequência de ocorrência. Para os demais conectivos, observa-se um aumento no número de ocorrência bem menos significativo, ou mesmo o seu surgimento apenas no último período do português investigado (século XX). A ampliação dos tipos de conectivos formados por [prep (det) N de que]_{finalidade}, conforme interpretamos, ocorre muito provavelmente por analogia ao padrão construcional, já estabelecido por *a fim de que*. Todos esses fatos indicam que, na história do português, o subesquema [prep (det) N de que]_{finalidade} se consolida, ampliando seu grau de esquematicidade e seu potencial de replicação, embora conte com um membro mais central (*a fim de que*) e membros mais periféricos (*com o intuito de que*, *com a finalidade de que*, *com o objetivo de que* e *no fito de que*), conforme demonstramos.

Também tratamos neste texto da conceitualização do domínio da finalidade, que é apontado na literatura como um domínio que abarca os conceitos de *direcionamento ao alvo*, *intencionalidade*, *hipoteticidade* e *orientação para o futuro*. Nossa proposta é a de que esses significados não sejam considerados como excludentes entre si, mas possam ser interpretados em termos de graus de saliência em diferentes construções de finalidade. Com essa concepção, mostramos como esses significados podem estar relacionados às diferentes formas de conectivos aqui analisadas.

As análises realizadas neste trabalho dão conta de algumas das muitas propriedades de forma e de função do subesquema [prep det N de que]_{finalidade} e de suas microconstruções, na

história do português. Novas análises são requeridas e podem trazer mais pistas sobre o comportamento dos conectivos aqui investigados, seja em perspectiva sincrônica, seja diacrônica, e sobre o modo como esses conectivos interagem com outros membros da rede de conectivos adverbiais do português.

Referências

- ANTONIO, J. D. Expressão da relação retórica de propósito em elocuições formais e entrevistas orais. *Calidoscópico*, v. 9, n. 3, p. 206–215, 2011.
- MOREIRA, F. L. Orações finais introduzidas por *para (que)* e *a fim de (que)*: uma abordagem discursivo-funcional. 2022. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Três Lagoas, 2022.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2012.
- BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 443–459.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. Formação da construção [Xque]conec no português. *E-scrita*, v. 6, p. 229-243, 2015.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- CROFT, W. *Radical construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- DECAT, M. B. N. *Leite com manga, morre!* 1993. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 1993.
- DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N. et al. (org.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.
- DIAS, N. B. As cláusulas de finalidade. 2001. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- GARCIA, D. M. *Mudança construcional de “na hora que”*: uma abordagem cognitivo-funcional. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de

Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2017.

GARCIA, D. M. Locuções conjuntivas temporais e causais na história do português brasileiro: uma abordagem construcional. 2021. 129 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S.; OLIVEIRA, T. P. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. *Working Papers em Linguística*, v. 21, n. 1, Gramática do Uso, 2020.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, G. *The contemporary theory of metaphor*. University of Cambridge, 1992.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LONGHIN, S. R. Gramaticalização de construções condicionais em português: trajetórias de mudança do nome caso. *Estudos de Linguística Galega*, v. 12, p. 1-29, 2020.

MARCHON, A. H. Cláusulas finais e cláusulas consecutivas: um estudo dos aspectos discursivos na construção da argumentação. *Confluência*, v. 60, p. 400-429, 2021.

MARCHON, A. H. Cláusulas hipotáticas de finalidade em artigos de opinião. In: ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G.; MARCHON, A. H.; MACHADO, A. C.; AGUIAR, M. T. (org.). *Conectivos e conexão de orações em perspectiva*. Campinas: Pontes Editores, 2024. v. 1, p. 55-77.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DALL’AGLIO-HATTNER, M. M. As construções hipotáticas. In: ILARI, R. e NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil* (vol. II: Classes de palavras e processos de construção). Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 937-1020.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, T. P. As bases conceituais dos conectores condicionais em português. *Revista Odisseia*, v. 4, n. esp., p. 194-210, 23 nov. 2019.

OLIVEIRA, T. P. A construção condicional em português. *Revista de Letras (Fortaleza)*, v. 2, p. 80-89, 2020.

OLIVEIRA, T. P. Polissemia, metáfora e conectores adverbiais. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; LOPES, Monclar Guimarães (org.). *Funcionalismo Linguístico: interfaces*. Campinas-SP: Pontes, p. 165-192, 2023.

ORÉFICE, P. A construção de movimento com propósito em português. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

ROSÁRIO, I. C.; FERNANDES, T. P. L. M. Análise contextual da construção [à medida que]conect. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 37, p. 1-18, 2021.

ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. *Matraga*, v. 29, p. 362-378, 2022.

ROSÁRIO, I. C. SOUZA, B. S. Análise dos conectores com o objetivo de e com o intuito de à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, p. 1032-1055, 2022.

SCHMIDTKE-BODE, K. *A typology of purpose clauses*. (*Typological Studies in Language*, v. 88). Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2009.

SCHMIDTKE-BODE, K. The role of benefactives and related notions in the typology of purpose clauses. In: ZÚÑIGA, F.; KITTLÄ, S. (orgs.). *Benefactives and Malefactives: Case Studies and Typological Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 121-146.

SILVA, C. F. A emergência do conectivo condicional “caso” no português: uma abordagem construcional. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Três Lagoas, 2024.

SOUZA, M. C. Frame de finalidade: a projeção de eventos futuros no âmbito da realidade potencial. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

TRAUGOTT, E. C. Toward a constructional framework for research on language change. *Cognitive Linguistic Studies*, v. 1, p. 3-21, 2014.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. T. P. Oliveira; M. A. Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

Recebido em: 20 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 18 de abril de 2025.